

AS IMPLICAÇÕES TRINITÁRIAS A PARTIR DA CRUZ NO PENSAMENTO DE JÜRGEN MOLTSMANN

Manoel Francisco Brasileiro¹

Resumo

O artigo analisa a perspectiva trinitária da cruz de Cristo segundo Jürgen Moltmann, com destaque para "O Deus Crucificado" e "Trindade e Reino de Deus". Moltmann propõe uma teologia da cruz trinitária, central à fé cristã, e explora sua evolução histórica de símbolo de condenação para ícone de salvação. A abordagem foca na entrega de Cristo segundo São Paulo, destacando a natureza intratrinitária da cruz, revelando a relação entre o Pai e o Filho, da qual surge o Espírito Santo. O texto reflete sobre a importância teológica da cruz e sua conexão com a Trindade.

Palavras-chave: Cruz. Trindade. Entrega. Pathos. Teologia.

1 INTRODUÇÃO

A questão em torno do tema da cruz continua sempre presente nas discursões teológicas, marcando o cristianismo ao ressignificar o sofrimento, a dor e as últimas consequências de uma atitude amorosa, dando a vida pelo outro, especialmente pelos inimigos. Por outro lado, quando a problemática é a Trindade, há um desconforto e até um medo em relação à Trindade. Essas contrariedades resultam em uma abordagem limitada sobre suas implicações na vida da Igreja.

Desta maneira, por ordem metodológica e pedagógica, começaremos refletindo como a cruz foi no decorrer da história sendo compreendida, passando de um sinal de condenação, miséria, humilhação para se tornar símbolo de salvação e de esperança. Desenvolvendo a partir disso, a concepção de um Deus Pai que sofre a morte do Filho, um Deus próximo que

¹ Graduando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: manoel.00000013545@unicap.br

sofre porque ama, sendo Ele mesmo amor. Superando a ideia de um Deus impassível e apático para um Deus que também compartilha nossas dores, sendo afetado no mais íntimo pela morte do Filho.

Num segundo momento, abordaremos a teologia trinitária da cruz desenvolvida na teologia moltmaniana a partir da teologia da entrega de São Paulo, do abandono, cujo verbo em grego é παραδίδόναι (*paradidónai*). Moltmann sugere iniciar a análise da natureza trinitária da cruz explorando a conexão dessa característica com uma interpretação teológica do conceito de entrega. Portanto, a morte de Cristo na cruz, é sobretudo, um acontecimento intratrinitário entre O Filho e seu Pai, do qual procede o Espírito Santo.

2 A CRUZ E O PHATOS DE DEUS

A cruz de Cristo, como afirma São Paulo na primeira carta aos Coríntios, será sempre motivo de salvação e soerguimento para os que creem, ou escândalo e loucura para os incrédulos e duros de coração (Cor 1,23). A consideração da questão da cruz tem sido uma presença constante na fé, na devoção e na teologia cristã. Moltmann inicia sua argumentação com base em uma proposição profundamente vinculada à tradição luterana, defendendo que a autêntica teologia cristã emerge na sombra do Crucificado e a partir da cruz.

Entretanto, nem sempre a cruz foi compreendida como um símbolo remetente a Deus, houve sempre em seu entorno várias contradições. Para a mente israelita, um homem que fosse pendurado no madeiro era banido de seu povo, amaldiçoado pelo Deus da lei e excluído da aliança da vida (Moltmann, 2015, p. 53). O livro de Deuteronômio explicita claramente esse pensamento: “[...] pois o que for suspenso é um maldito de Deus” (21,23).

Na Antiguidade, durante o período do Império Romano, a crucificação era vista como a forma mais degradante de punição, reservada para escravos que fugiam ou se rebelavam contra o domínio imperial. Por este motivo, o cristianismo nascente era visto como algo indecente, perverso, pois

os seus adeptos eram seguidores de um homem crucificado, blasfemo, que se fez Filho de Deus (Jo 19,7).

Com *O Deus Crucificado*, Moltmann propõe desenvolver uma teologia da cruz. Para ele, a Cruz de Cristo representa de maneira definitiva o fundamento de todas as perspectivas transformadoras que ocorrem na sociedade e que são exigidas pela igreja. Ela deve conduzir o falar e o fazer teológico, ela está no centro de toda a teologia cristã, validando tudo que merece ser denominado cristão e, ao mesmo tempo, diferenciando claramente o que é genuíno de qualquer elemento estranho ou sincrético.

Neste sentido, o nosso teólogo destaca o *pathos* de Deus, exprimido distintamente na crucificação de Cristo. A tradição por sua necessária relação com a cultura helênica absorve a compreensão de Deus como um ser apático, ou seja, incapaz de amar, por ser incapaz de sofrer.

No sentido físico, *apatheia* significa "imutabilidade"; no sentido psicológico, "insensibilidade"; e no sentido ético, "liberdade". Em contraste a isso, *pathos* denota necessidade, compulsão, desejo, dependência, paixão inferiores e sofrimento indesejado. Desde Platão e Aristóteles, a perfeição metafísica e ética de Deus foi descrita como *apatheia*. [...] Como aquilo que é perfeito, a divindade não necessita de nada. Se não possui necessidades, é portanto, imutável, pois, qualquer mudança mostra uma deficiência no ser (Moltmann, 2015, p. 340).

A concepção da divindade manifestava-se, portanto, como a suprema impassibilidade, transcendendo as necessidades e impulsos. Essa visão de Deus, presente nas filosofias de Platão e Aristóteles, revela uma distinção absoluta entre Deus e o mundo. Deus é considerado perfeito, sendo, portanto, autossuficiente, desprovido de carências ou afetações por parte de qualquer coisa ou ser. Ele é concebido como a substância suprema.

Todavia, diferentemente da teologia clássica, filosófica de Deus, Moltmann desenvolve uma teologia do *pathos* de Deus.

Não tem nada a ver com emoções humanas irracionais, como o desejo, a raiva, a ansiedade, a inveja ou a simpatia, mas descreve a maneira com a qual Deus é afetado pelos eventos, ações humanas e sofrimento na história. Ele é afetado por elas,

porque está interessado na sua criação, no seu povo e no seu direito. O *pathos* de Deus é intencional e transitivo, não relacionado a si mesmo, mas a história do povo da aliança. Deus já emergiu de si mesmo, com a criação do mundo, no "início" (Moltmann, 2015, p. 344).

Evidente que Deus está constantemente presente na história, caminhando ao lado de seu povo e compartilhando de seus sofrimentos, pois é um Deus apaixonado. Surge assim a compreensão do *pathos* de Deus: um Deus cuja essência mais profunda é o amor, sendo, portanto, capaz de experimentar o sofrimento. Ele não é indiferente, mas apaixonadamente envolvido com a sua criação.

3 A TEOLOGIA TRINITÁRIA DA CRUZ E A TEOLOGIA DA ENTREGA (ΠΑΡΑΔΙΔΟΝΑΙ)

Se tomarmos as obras *O Deus Crucificado e Trindade* e *o Reino de Deus*, veremos que para Moltmann a cruz de Jesus é o centro de toda a teologia cristã. "O evento da Cruz é trinitário e que apenas no Mistério Pascal Deus se revela não como alguém que permanece à parte da Paixão de Jesus de Nazaré, mas que entrega o Filho e se auto implica no sofrimento e na Paixão" (Bingemer, 2009, p. 244). A cruz, pois, é um evento trinitário. Nela se manifesta a história do Pai, a história do Filho e a história do Espírito Santo.

A teologia da cruz deve ser a doutrina da Trindade e a doutrina da Trindade deve ser a teologia da cruz, pois, caso contrário, o Deus humano e crucificado não pode ser plenamente compreendido (Moltmann, 2015, p. 303). Posto isso, esta manifestação trinitária na cruz, é desenvolvida na teologia moltmaniana a partir da teologia da entrega de São Paulo, do abandono, em grego: παραδίδομαι. Este verbo revelou dois grupos de entregas: humanas (a entrega de Judas, traição do amor; a entrega do sinédrio, perversão da lei; a entrega de Pilatos, perversão do poder). Por meio dela o Pai abandona o Filho que se entrega à vontade do Pai pelo Espírito que o acolhe em seu amor. Diante desse contexto, Moltmann sugere iniciar a análise da natureza trinitária da cruz explorando a conexão dessa característica com uma interpretação teológica do conceito de entrega.

Ladaria nos ajuda a compreender afirmando que:

O ponto de partida das reflexões do autor são as fórmulas do Novo Testamento, em concreto as de Paulo e de João, sobre a “entrega” de Jesus por parte de Deus para a salvação dos “sem-Deus” e a definição do Deus amor que, em relação com essa entrega, aparece em 1Jo 4,8.16. [...] Na cruz o Pai e o Filho estão separados no mais profundo no abandono de Jesus e ao mesmo tempo, na entrega, estão unidos no mais profundo. Desse acontecimento entre o Pai e o Filho vem o Espírito, que justifica os “sem-Deus”, enche de amor os abandonados e ressuscita os mortos (Ladaria, 2014, p.87).

Nos evangelhos, que apresentam a narrativa da morte de Jesus à luz da vida que ele viveu, a palavra entrega tem claramente uma conotação negativa. Significa: entregar, desistir, trair, delatar, repudiar, matar. Também nos textos paulinos podemos encontrar a mesma conotação, como expressão da ira e do julgamento de Deus sobre os pecados dos homens, como sugere Romanos 1,18-32. A ira de Deus sobre a impiedade do homem se manifesta na “entrega deles” à impiedade e à desumanidade.

Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu, contra toda impiedade e injustiça dos homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça. [...] Por isso Deus os entregou, segundo o desejo dos seus corações. [...] Por isso Deus os entregou a paixões aviltante. [...] Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar, para fazerem o que não convém [...] (Bíblia, 2011, p. 1967).

No entanto, Paulo introduz uma mudança radical no sentido da “entrega”, quando reconhece o problema do abandono de Jesus no contexto escatológico da sua ressurreição, em vez de no contexto histórico da sua vida (Moltmann, 2015, p. 305). Moltmann admite que Paulo, mesmo reconhecendo o abandono histórico de Jesus na cruz, utiliza o termo “*paradidónai*” em relação a Jesus com uma conotação teológica distinta, como sugere em Romanos 8,32: “Se Deus está conosco, quem estará contra nós? Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele?”

Nesta circunstância, Deus, o Pai, se distancia de Seu Filho em benefício

de uma humanidade ímpia e desviada. Nesse sentido, Ele não preserva o Filho, visando preservar os demais; Ele o abandona para receber os perdidos. Esse é o alicerce teológico da justificação dos ímpios e da acolhida aos inimigos de Deus. Para além do sentido teológico da justificação, Moltmann faz entrever também uma abordagem da dimensão trinitária da cruz, pois só é possível compreender o que aconteceu na cruz se for trinitariamente.

Segundo Gálatas 2,20 “[...] que me amou e se entregou a si mesmo por mim”, isto é, o Filho não foi somente entregue pelo Pai, Ele mesmo também se entregou. Desta maneira, Cristo aparece como sujeito, uma entrega consciente e ativa. “A auto entrega do Filho consiste no seu abandono da forma divina, na sua forma de servo, no seu autorrebaixamento, e conseqüentemente em ter-se tornado “obediente até a morte, e morte de cruz” (Moltmann, 2011, p. 94).

Nesse abandono, o Filho sofre a dor da morte. O Pai sofre a morte do Filho. Por isso, à morte do Filho corresponde o sofrimento do Pai. E quando o filho, nessa descida ao inferno, perde o Pai, então, nesse ato também o Pai perde o Filho. Aqui está em jogo o mais íntimo da vida da Trindade. [...] O que acontece sobre o calvário atinge profundamente a divindade e marca eternamente a vida trinitária (Moltmann, 2011, p. 94).

Moltmann destaca que este ato significa uma íntima conformação da vontade do Filho, que foi entregue, com a vontade do Pai, que o entregou. Nessa comunhão de vontades acontece a separação do Filho em relação ao Pai e do Pai em relação ao Filho. Assim, na crucificação, o Pai e o Filho estão tão profundamente distanciados que suas relações ficam interrompidas. Todavia, ao mesmo tempo, na cruz, o Pai e o filho estão tão unidos que constituem um gesto único de entrega, pois, a entrega pelo Pai e o sacrifício do Filho acontecem “através do Espírito” (Moltmann, 2011, p. 94).

A manifestação do Espírito Santo na cruz se dá como aquele que, na separação, une; aquele que faz a ligação entre a união e a separação do Pai e do Filho entre si. Ladaria, comentando Moltmann, afirma que ele possui formulações muito fortes para o abandono de Jesus, que chegaria em sua agonia até a experiência do inferno, chega inclusive a falar de um “conflito”

trinitário. No entanto, nessa separação o “Espírito Santo é o vínculo de união” (Ladaria, 2015, p. 89).

A essas entregas, Paulo a definem como amor. Em concordância com o texto paulino, o evangelista João condensa o significado da entrega na seguinte expressão: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (3,16). Não nos resta dúvidas de que “Deus é amor” (1Jo 4,16) e este amor pode ser exprimido trinitariamente no acontecimento da cruz: “O Pai deixa o Filho imolar-se através do Espírito. O Pai é o amor, que crucifica; o Filho é o amor crucificado; o Espírito Santo é a força invencível da cruz” (Moltmann, 2011, p. 95).

Tão logo, na cruz, Pai e Filho estão plenamente identificados na entrega. É desse evento que emerge o Espírito. Na completa separação entre Pai e Filho, o Espírito Santo atua como o agente de união, na entrega mútua. Na total dissociação, Pai e Filho se encontram unidos no mesmo Espírito de entrega. Por essa razão, Moltmann não interpreta a morte de Cristo como um evento humano-divino, partindo da doutrina das duas naturezas, mas sim de uma perspectiva trinitária.

Portanto, a morte de Cristo na cruz é sobretudo um acontecimento intratrinitário entre O Filho e seu Pai, do qual procede o Espírito Santo. Seguindo o que nos propõem Moltmann em *Trindade e Reino de Deus*, podemos sintetizar a “teologia da entrega” a partir da cruz da seguinte maneira (Moltmann, 2011, p. 96):

A forma da Trindade que se revela na entrega do Filho apresenta os seguintes elementos:

- O Pai entrega o seu próprio Filho à morte absoluta, por nós.
- O Filho entrega-se a si mesmo, por nós.
- O comum sacrifício do Pai e do Filho acontece por meio do Espírito Santo, que liga e unifica o Filho, em seu abandono, com o Pai.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da cruz de Cristo deve ser iluminada pelo mistério trinitário, constituindo não apenas um evento entre Deus e o homem, mas essencialmente um acontecimento intradivino, dentro da Trindade. Para alcançar uma compreensão mais aprofundada da cruz, é imperativo adotar uma linguagem trinitária, evitando assim especulações inadequadas. A partir desses fundamentos, surge um "axioma" segundo Moltmann: a teologia da cruz deve ser a doutrina da Trindade e a doutrina da Trindade deve ser a teologia da cruz. Caso contrário, o Deus humano e crucificado não poderá ser plenamente compreendido (Moltmann, 2015, p. 303).

A fé cristã apresenta uma visão singular de Deus, revelando-O como alguém crucificado, e essa crucificação é resultado do amor. Deus se revela como alguém que não está alheio à dor da paixão do seu Filho, mas que no ato de entregá-lo, Ele se auto implica no sofrimento e na Paixão. É incontestável que esse fato nos revele algo intrínseco ao ser do Deus amor.

Esse Pai que é amor, entrega o seu Filho amado, entregando-o à morte demonstra a maior prova de seu amor. No Filho encontra plena correspondência, pois, Jesus também se entrega por amor, como afirma São Paulo em Gálatas 2,20, o amor do Filho pelos homens manifesta-se em sua entrega. Portanto, na sua paixão, Cristo não sofre só o abandono mas também entrega seu Espírito nas mãos do Pai.

Todavia, compreendendo a cruz em perspectiva trinitária temos na pessoa do Filho, Deus que se revela como um ser apaixonado, que, por amor, se entrega de forma incondicional. Este amor absoluto transcende todas as barreiras, levando-o a enfrentar as extremidades da paixão, do abandono e da cruz. O objetivo é proporcionar a todos os abandonados e até mesmo àqueles que agem como algozes a oportunidade de vivenciar a plenitude da vida trinitária. Essa concepção divina, revelada por Jesus, se distancia significativamente da imagem do Deus clássico, muitas vezes retratado como apático, uma caricatura proveniente da filosofia grega que o descreve como incapaz de sentir compaixão, sofrer ou amar. Portanto, é lógico considerar que nesse ápice de sua existência, algo significativo é revelado sobre o amor de Deus e, conseqüentemente, sobre a vida da Trindade Divina.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 2011.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. O Deus desarmado - A Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica. *Estudos de Religião*, v. 23, n. 36, 230-248, jan./jun. 2009.

LADARIA, Luiz F. *O Deus vivo e verdadeiro: O mistério da Trindade*. Tradução Paulo Gaspar de Meneses. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado – A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Tradução Juliano Borges de Melo. Santo André: Academia cristã, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e reino de Deus: Uma contribuição para a teologia*. Tradução de Ivo Martinazzo. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.